

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Tel. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Condeheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

ITINERÁRIOS TRINDADES

Ao Dr. Américo Durão.

VII

14) Começara a primavera. Nas beiradas dos campos de pouso—do verde teíneo e fresco das chuvas—, por entre as glebas do centeio, como nos pomares ainda de troncos disformes e nus; pelo circuito da horta, encostando ao laranjal, e na vasta e dividida precissão das árvores, em extensas alas de peregrinos de romagem, abria-se um grande mar de flores brancas, rosa lilás, carmim rajado de topázio e de azul, e tocava, qual espuma de onda amorosa, a margem areenta, de virgíneas e coloridos véus, em festiva ondulação palpante, as árvores de fruta, cerejeiras, ameixoeiras, pessegueiros, pereiras e macieiras, ao espumar flocoso da alegria nupcial. Havia o amarelo vivo do tojo novo, agudo como um desejo, o amarelo ferrugem do tojo adulto, por sob o cinza magoado e saudável das oliveiras, subindo e trepando montes, derramando-se pelas bocas, junto às escarpas dos caminhos. Toda a paisagem, alumada ao sol matinal, armava em altar de noventa—luz de sol moço, emergindo da terra lenta, ao acordar do amoroso desejo, arrepiando de sulcos loiros o centeio e a erva dos pastos, cravejando de ouro fulgente os ranúnculos, os botões, as campânhas agrestes. Estremeciam vôos as borboletas brancas: e as miríades de pequeninas pétalas rufavam também suas asas de flor. Entre os arroios de água nova, que parecia trazer do coração da terra uma canção namorada, sorriam o azul pálido da flor do alecrim e os corimbos avermelhados do sabugueirinho, alongava-se, aveludada, a mancha das violetas—, e a violeta das assucenas, o violeta roxo das escabiosas e das quaresmas bravas. Já despertavam as folhas miúdas das roseiras, se erguiam os cálices das magnólias—e até o coberto do cômo dos casais, amolentado da invernia, se engrinaldava de arbustozinhos floridos.

Abraçou-se em Maria Teresa a sensação da amplitude. O seio arfava-lhe ao ar lavado e mais leve: seus olhos, desencantados pelo granito encarvoado do burgo, prisão clausural de vida estreita, recebiam acariciadamente a romaria alegre da paisagem. Também ela embarcava, como embarcava o seu amor, para a travessia do desconhecido, do longe e do novo!

A claridade, que lhe amanehcia da fresta da janela, era uma egloga pastoril, ao fim do sono reparador. Fazia o sinal da Cruz, resava o Padre Nosso, e... o seu pensamento alavava-se como avesitas, aos primeiros rumores da brisa, na demanda de um raio de sol. Erguia-se lépida e contente. Cada um desses novos dias rasgava-se para o imprevisito: o embate das comições, a surpresa das descobertas. Tinha o seu novo cargo de senhora da casa—e toda a aldeia como romance para ler e sentir: aquele povo tão diferente das pessoas articuladas e sombrias da cidade. Tornara-se-lhe depressa familiar o mobiliário humilde— a cama de bilros, o lavató-

rio de ferro com o espelho pregado na cal da parede, o baú de couro, onde se guardava a roupa branca, a sua cómoda—e a gavetinha, cofre do memorial precioso—, a velha mesa de jôgo, coberta com um retalho de damasco, de seus livros e papéis, os retratos dos Pais, a jarra de flores, e a cadeira de braços, junto ao peitoril da janela.

Era pobrezinho, o passal, mas suas mãos haviam-no tocado de graça, e, de tão estreito e acanhado, parecia mais íntimo, afeiçoado à gente, vivendo com ela, reconditamente. A saleta da entrada, que deitava para a escada de pedra, flanqueada por dois ciprestes, servia, além de ser a de receber, a câmara de trabalho do irmão—e lá estava, na ampla mesa de mógo, o tinteiro e o candieiro de cobre, a pasta de couro, os breviários, as revistas, o caixilho com a Senhora da Madre de Deus e um relicário, tudo muito direito, limpo e arranjado; no aposento de jantar, havia uma janela de sacada e varanda, no caixilho da roseira e da videira—e tinha o ar composto e acolhedor da rudeza franca e hospitaleira, sob o tecto de caixão, fumento, a cuja volta corria o friso das maçãs camoesas e espriegas, com os plintos e vasos de barro vermelho aos quatro cantos, o velho armário de castanho, pertença da casa, já muito cansado e trôpego, a descair para o lado, rugoso e asmático quando o abriam, a mesa larga e sóbria, as cadeiras e os tamborettes; e, logo, a cozinha térrea, sempre enuveada de fumo de pinheiro, com o lar e o forno—um lar abacial, com o espeto de ferro para os assados venerandos, os obesos potes da barrela, que tinham o hábito de ladaíñar surdos resmungos como velhas murmuradeiras, e o escabelo freirático—, para os longos serões das noites invernosas.

Os dois, Marcelino e Maria Teresa, distribuíram e colocaram as imagens, as litografias: logo ao subir da escada, em nicho cravado na parede, o Santo António (o nome do Pai António), com uma jarra de dedos e a lâmpada de ferro, presa à cadeia de argola, e, na pequena alpendrada, de vidraça, que era como minúsculo átrio interior, ergueram o altarzinho com o tabernáculo de Nossa Senhora, o genuflexório de setim amarelo, onde vinham resar; na saleta, austero, dominava o crucifixo, na última agonia de Jesus, os olhos já velados de morte; por sobre a cama de Marcelino, as litografias do Coração de Jesus e do Coração de Maria, e, na canteira, a imagem, que haviam trazido de casa, de um S. Manuel—Emanuel—, junto à árvore da execução supliciadora, com um dardo cravado no seio, obra italiana de dezoito, venerada em recordação piedosa do Avô Manuel;—Maria Teresa tinha o quadro da Rainha Santa Isabel, dando o pão da esmola aos leprosos e mendigos, mas conseguira também, com licença do irmão, ter na cómoda, entre dois castiçais de chumbo e duas jarras com palmitos doirados,

*Rei moribundo, o sol, no etéreo paço,
Goteja sangue, em lágrimas o olhar,
Vendo, aos seus pés, o tûmulo do mar...
Anda um murmúrio de orações no espaço...*

*A voz do sino—prodigioso abraço—
Vibra, dolente e mística, no ar...
Há lábios mudos... almas a cismar...
A aldeia reza, morta de cansaço!*

*Trindades! Hora de meditação!
A vida passa como uma ilusão
— Como se a vida uma ilusão não fôsse!...*

*E então eu penso, em comovido anseio,
No casto amor do teu divino seio,
Na meiga luz do teu olhar tão doce.*

JOÃO ALVES PEREIRA.

uma deliciosa imagem, que estava desprezada na sacristia, da Senhora da Espectação, em pedra ançã, de perfil gótico, muito suave e puro—olhar imerso no infinito, longas e finas as mãos, soerguidas sobre o peito em anelo, toda feita de sonho imponderável, corpo quasi imaterial pela virginia castidade e doçura, a roupagem leve à brisa macia e submissa.

A porta da cozinha, enquadra em limoeiros, abria para o terraço triangular, circulado, a levante, pelo muro em ruínas, com os nervos arteriais salientes dos cordões de hera, e, do outro lado, sobreposto a íngreme ribanceira, com o valo de ortigas. Era dividido por dois arcos de buxo, ingénua decoração ornamental, e formava, em redor do jarjinzito central, com a fonte e o tanque, sob a figueira ramalhuda, de uma parte a horta e, de outra, o pomar. O velho Cura, antecessor de Marcelino, assinava a *Gazeta das Aldeias*, cujos números ainda encontrarão dispersos no armário da sala de jantar, e entretivera-se a praticar a jardinagem: pelos canteirinhos de murta cultivava curiosas especialidades de flores, legumes e frutas. Procuraram conservar a meiga tradição. E Maria Teresa reparou que as flores tem seus melindres e aristocracias! A princípio, inábil e distraída, desobedeciam-lhe, estranhavam os seus dedos ageis e crús, amuaram, descoloridas e sêcas. Foi preciso o esforço de entendê-las e atendê-las, afagar-lhes os caprichos, amansar-lhes a fina sensibilidade— pois que havia também, nelas, uma alma de côr e de perfume.

O escadario, entre duas vergas de ferro, cambio, os degraus polidos do gasto, descia ao pátio quadrado, de lages, volumosas e compridas, de granito, como as calçadas das antigas vias militares, que a erva enxadrezava de mosaico, com dois frades de pedra ao som de cada extrema: na do lado poente, erguia-se o pano de silharia, onde, em dois arcos abertos, lá ao alto, pendiam os sinos de bronze, cujas cordas vinham enrolar-se na argola cravada a jeito de mão. E era logo a igreja, uma pequena capela, quasi ermida, singela e rude, com todo o rosto das habitações castrenses, mas já com o arco baixo da entrada, assen-

te em duas colunas lisas, no primitivo afeiçoamento ao nosso românico sertanejo, por sob a rosácea fenestral, agora encaixilhada em vidros foscos do pó e das teias de aranha, a cornija apoiando em modilhões sem ornato, o telhado comprido e esverdeado, tal o colmaço das barras no eido das lavouras. Ficava, como o presbitério, na touca do cabeço, miradouro sobranceiro à ravina íngreme, pela qual vinham subindo, em exausto de fadiga, as cruces cianosadas de musgo da Via-Sacra. Ali, no ermo inóspito, indo sua romagem de peregrino, parara um dia de séculos mortos a sempre viva miséria do homem—e, porque vira casar-se a convulsão do seu espírito curioso à convulsão da terra, desde as agram acidatadas, as leiras em soccalcos, os souts adjacentes a montículos erutos, os ribeiros torcendo-se e destorcendo-se dos fragedos à chan da várzea, até o recorte disforme, como longo dorso de corcovas, das serras do horizonte, para, e subira os olhos magoados de sofrimento, em oração de penitência, inquieto no resgate da dúvida—seu peccado original—, à concha azul e impassível do infinito misterioso.

(Continua.)

Eduardo d'Almeida.

Notícias de Guimarães

A propósito da publicação do número especial das *Festas da Cidade*, referiram-se ao nosso jornal mais os seguintes nossos prezados colegas:

Do *Jornal de Felgueiras*:

Notícias de Guimarães

O nosso prezado colega «Notícias de Guimarães», por ocasião das Festas Gualterianas, publicou um número, inserindo na frente um desenho da parte da frontaria da igreja da Oliveira, do pintor Abel Cardoso.

De *A Voz de Fafe*:

O nosso estimado colega «Notícias de Guimarães», mimoseou os seus numerosos leitores, com um excelente número das *Festas Gualterianas*.

E' mais um triunfo a juntar, a tantos outros, alcançados pelo distinto jornalista, seu director, nosso prezado amigo Antonino Dias Pinto de Castro.

Sinceras felicitações e votos de muitas prosperidades.

De *A Voz do Sul*:

Notícias de Guimarães

Também este nosso prezado colega, por motivo das Festas da Cidade de Guimarães, publicou um óptimo número especial, pelo que muito o felicitamos.

A todos, os nossos agradecimentos.

Realiza-se hoje A Grande Peregrinação à Penha

que deve constituir uma importante manifestação de fé.

Precedendo a grandiosa Peregrinação que hoje se realiza, na forma dos anos anteriores, em honra da Vir-



N. S. da Penha

gem da Penha, efectuou-se, na igreja de Nossa Senhora da Oliveira, em obediência ao programa já publicado, um tríduo solene, em que foi orador o Ilustrado Bispo de Arena que, em todos os dias, teve a escutá-lo um numeroso auditório.

Ontem, à noite, tiveram lugar as manifestações festivas, anunciadoras da grandiosa romagem do dia de hoje.

Como já anunciamos, de vários pontos do País vêm tomar parte na manifestação religiosa, que pelas 9 horas principia a desfilar pelas ruas da cidade em direcção do alto da majestosa Penha, onde vão realizar-se, sob a presidência do Prelado de Arena, as cerimónias litúrgicas que coroarão a solemnidade que anualmente os católicos de Guimarães levam a efeito em louvor e honra da padroeira dos portugueses, muitos e muitos crentes.

Memorável deve ficar, pois, o dia de hoje nos anais da história religiosa Vimaranesa.

Serviço de matrículas na Escola Indust. e Comercial

Conforme já o referimos, está aberta a matrícula na nossa Escola Técnica, para a frequência dos Cursos nela professados. O prazo normal para esse efeito, que principiou no dia 1 do corrente mês, termina no próximo dia 20. Já aqui temos falado da importância que deve ser atribuída ao Ensino Técnico que, sem desprezarmos para qualquer outro Ensino público, é aquele que mais directamente se encontra adaptado à vida progressiva da economia dum País.

Se é certo que todos os ramos de Ensino exercem a sua manifesta utilidade tanto no que diz respeito à prosperidade de qualquer nação, como no que se refere ao aperfeiçoamento da própria civilização, não é menos certo também que o Ensino Técnico se encontra no primeiro plano dos factores dessa natureza. Em face disso, nunca é demais toda a propagação em prol

Gazetilha

A carestia não pára, a cebola está mais cara, custa muito mais dinheiro, e, diz a gente aterrada, que tem sido procurada por ir para o estrangeiro.

Ano farto e abundante, mas desde o primeiro instante que o preço subiu, subiu... e por este caminhar onde irá ele parar? Inda ninguém o previu.

Eu cá, se fôsse de tretas, diria que as caminhetas fazem fila pela estrada em direcção a Leixões, que cebolinha, aos montões, vai, para ser embarcada.

Tanta cebola, dizias, inda há pouco, aqui há dias, para quê tanto daquilo? E lá se vai tudo embora, autêntico hoto-fora, e por *doze e meio* o quilo.

Para quê tantas cebolas? — Pessoas que não são tólas respondem, eu tenho ouvido, que serão para arranjar um cosinhado sem par, para fazer estrugido.

No entanto, qualquer guisado que para ser preparado leva assim tal cebolada, deverá ser um pitéu de se tirar o chapéu, vai safr obra asseada.

Camara Dão.

Um reparo

Nas «W C» Municipais, ali à Rua de Camões, e naquela que se destina ao sexo feminino, desde há bastante tempo que se vem verificando um facto que merece reparo e para o qual chamam a nossa atenção.

Esse facto é o seguinte: Como todos sabem há ali uma mulher que serve de guarda na dita «W C».

Mas—e aqui é que está a questão—de certa hora do dia em diante um homem, julgamos que seu marido, vai fazer-lhe companhia e, umas vezes sentado à porta, outras lá dentro, ali se conserva, em regra, até à hora do encerramento (11 da noite).

Ora,—e isto dizemo-lo francamente—a nós não nos move nenhuma animosidade contra o homem ou contra a mulher que serve de guarda, mas simplesmente entendemos que a permanência do cavalheiro ali se torna importuna pois, numa dependência destinada a senhoras— neste caso, sobretudo— a presença de um homem é sempre aborrecida e pouco recomendável.

Assim sendo, pois, com muito agrado seria acolhida uma ordem que o obrigasse mudar de pouso...

E de resto, isso não é difícil!

J. Mota Prego de Faria MÉDICO

Doenças de crianças. Clínica Geral. Com prática nos Hospitais de Lisboa.

Consultório: R. da República (baixos da Associação Comercial).

Residência: R. de Santo António, Telefone 91 — Consultas das 11 às 13 e das 16 às 18 h.

da difusão e do aperfeiçoamento desta modalidade de ensino, bem como das vantagens que resultam da frequência das respectivas Escolas. Quanto a esclarecimentos sobre matrículas na nossa Escola I. e C. presta-os, em todos os dias úteis, a Secretarie desta Estabelecimento de Ensino, das 9 às 12 e das 19 às 22 horas.

Vária

A Milota

(Do Caderno de notas... incirculáveis)

Do Sr. José Jacinto Júnior.

A Milota não freqüentava a missa de alva, nem a maior: a Milota ia ouvir a missa da D. Ismene Romarigo, no solar da Correlha, como sua filha. Só esta sinistra ideia de ser filha de D. Ismene — os pais, não contentes de nos desparejarem ao mundo, sempre nos pregam cada partida! —, descendente legítima do godo Turismundo, eleito rei nos campos da Catalunha, mais feia de tudo quanto a desvirada imaginação aterrador dos paisagistas do Inferno haja fecundamente alucinado, mulher mesmo animal, de idade matusalínica, com bôca de peixe-sapo, olhos de mocho, focinho de macaca e pescoço de gansa, para mais vestida à tafel de sedas claras e passamanes berloquescos, as mãos com mitenes, curva, apoiada a um bastão, com a caixa da pitada; esta ideia visionária — seria capaz de tolher o próprio Hercules. Mas era madrinha da Milota, e, porque a Milota era filha da D. Ismene Romarigo, lá saía todos os domingos e dias santos, à hora em que a Mãe, a chefe dos Correios e Telégrafos, se dirigia à missa do dia, a cumprir o preceito na capela do histórico solar (mais velho que os Recaredos e Recesvindos) a vinte minutos da Vila. Vinte minutos em passos miúdos de criança: Milota era uns lindos dezoito anos lindíssimos, maravilha de graça e formosura encantadora, em cujos olhos havia a luz das estrelas, a luz do mar, e a luz da montanha.

Grande novidade a esperava, àquela manhã de domingo. Já no terraço, o Mordomo, um embóbia de suíças de conselheiro, um ventre de bernardo, os cabelos ralos como sulcos de tira-linhas no papel oleoso da careca, veio afritivamente dizer que não havia missa: já montado na água, o sr. Padre Arnoio foi acometido de congestão, e não havia tempo nem modo de o substituir. Depois, com afável dignidade de moço-fidalgo em exercício palaciano, entregou a Milota, por ordem da Senhora Dona Solange, o costumado cartuxo de bolachas e pastéis.

A Milota ficou desconsolada. Não era a missa — era o órgão! Talvez pela bafienta influência daquele ambiente de séculos, a Milota gostava de ouvir o órgão. E amou. Nem ao menos as caras... como ela dizia mais despachado as orações, entretinha-se a ver a expressão da gente que resava, e notava que, sendo as vozes uniformes, no Padre Nendo, — à Avé-Maria, as das mulheres, sobretudo, clamavam em tons diferentes, como indicando sentimentos muito distintos.

Pois nem isso! Já já a retirar-se, quando, no portal, viu os filhos da Cadela, mendiga e louca. Foi contra eles, logo muito contente, e deu-lhes o cartucho.

— E a menina? — perguntou Laide, a mais velha.

— Oh! eu já tomei o pequeno almoço. — E, depressa, repêsa da soberbia: — Uma cachicha de café com leite.

Sentaram-se a conversar. E o Nelo disse à Laide

— Tens uma mordedela de pulga atrás da orelha.

— Não é pulga, é persevejo! — emendou, senhoril, a irmã — que as pulgas são dos pobres, como os filhos da Cadela, mas os persevejos até nas casas ricas.

— Ora essa! Como sabes?

— Porque foi de noite, e os persevejos só mordem de noite...

— E as pulgas a toda a hora.

— E quando a gente dorme.

— Eles sabem lá — ria o Nelo. Cheira-lhes?

— Talvez, quando se dorme, a gente cheira de outra maneira, como os vivos e os mortos.

— Não, intervieio a Milota, é do escuro. Logo que a luz se apaga, começam eles a trabalhar.

— E' como a nossa mãe: Apagou-se-lhe a luz na cabeça — e não pára. Anda sempre — fala sempre.

— Anda que anda...

— E fala, fala, fala...

— Não são palavras, são gritos.

— Aquilo é gemer a rir, chorar a rir...

— E ela não vos ralha?

— Não, consome-se. Ri e chora para nós...

— Mas de outro modo, para nós.

— E a mãe.

— Eu, quando a ouço, ouço mas é a trovoadra — atemorizou o Gusto, o mais pequenito. A mãe, às vezes, diz que o pai morreu na guerra, lá fora, noutras terras, longe, e que lhe deu um grande abraço, sem deitar lágrimas, quando foi com a tropa, e lhe disse havia de voltar — e havia de ser, então, melhor o mundo.

Mas um grande desejo fascinara a Milota: no laranjal da D. Ismene, entre o verde carregado e brunido das folhas, o oiro das laranjas gritava em tentação.

— Vainos a elas?

— Credo!

— Pois vou eu. Para que há-de ser a madrinha?

E lá apareceu a Milota, na moita do arvoredo, onde batia o sol claro e magnífico, a Milota, com os seus grandes olhos de sonho, a face morena, o vestido côr de romã. De repente, sôa em catilunária a voz do Mordomo

— Pois quem se atreve?

E a Milota, lá do alto, muito garrida, a sugar os gomos das laranjas

— Olhe, traga-me um assucareiro de prata, numa salva de prata.

Mas os filhos da Cadela tinham fugido. A Milota veio para casa, muito satisfeita. Aquela massada do confessor querer que ela tivesse pecados! Pois lá estavam dois.

Dois — e até batia as palmas.

Em casa, a meio do prato da sopa, interroga a mãe

— Milota, de que côr era hoje a capa do Padre, à missa.

— A côr? Amarela, um amarelo muito vivo, novinho, fresco.

— Amarela! Mas era branca.

— A's vezes, é dos nossos olhos...

E pronto — mais um pecado. Três! — é a conta que Deus fez.

Arrenegos de Gregório Afonso: (1)

Arrenego dos da cisma e revolta da igreja.

Arrenego de quem pejeja e vai contra o Padre Santo.

Arrenego do traje tanto quanto vejo desonesto.

Arrenego de tanto gesto quanto fôra contra paz.

Arrenego de quem não traz o siso em seu lugar.

Arrenego do falar soberbo e descortês

Arrenego de quem em três pagas paga o que deve. (2)

Arrenego de quem já teve e depois vem a pedir.

Arrenego do muito rir e de quem chora decote.

Arrenego do sacerdote que vive como o leigo.

Arrenego também do meigo e do homem nui fagueiro.

Arrenego do cavaleiro que não tem bem de comer.

Arrenego do fazer a lenha em ruim mato.

Arrenego do barato que depois se torna caro.

Arrenego do avaro que jámas nunca se farta.

Arrenego do que se aparta de cumprir a lei divina.

Arrenego da doutrina de quem é mal doutrinado.

Arrenego do julgado que se dá a quem o pede.

Arrenego do que mede mais e mais duma maneira.

Arrenego da alcoviteira e de quem sem causa mente.

Arrenego de quem não sente o bem, e mal que lhe fazem.

Arrenego dos que lhe aprazem os ruins mais que os bons.

Arrenego também dos tons daiguns doudos, ou são muitos.

Arrenego também dos frutos que se colhem na doudice.

Arrenego da bebedice, e dos que são de mil leis.

Arrenego também dos reis pelos tiranos mandados.

Arrenego também dos dados, e jogar tanto corruto.

Arrenego também do p... que em mulher nunca entende.

Arrenego de quem vende a ruim cousa por boa.

Arrenego da pessoa que se não lembra da morte.

Arrenego também do forte que quando cumpre é fraco.

Arrenego do velhaco e do peço cortêsão.

Arrenego do homem vão e da mui presuntuosa.

(1) Continuado do n.º 341

(2) As três pagas: tarde, mal e nunca.

Errata: O Soneto, publicado no nosso número anterior, na *Vária*, é não de João Soares (?), mas do distinto Poeta *João Saraiva*. Como passou aquilo?

Juana me dió una pisada, y yo jurgué que era acaso; Dióme otra no tai passo, tampoco la dije nada. I bame á dar la tercera, y la dije: tente, Juana, que si yo tuviera gana bastaba con la primera.

Don José Iglesias de la Casa.

— Os falsos devotos não costumam preferir os bens espirituais aos temporais.

— Não reparo no termo *passar officios*, de que usa Mendo de Foyos, porque o aprendeu de Castela, e entendeu que o podia ingerir na língua portuguesa.

— O nosso modo de escrever é mui diverso do dos estrangeiros. Nos nossos escritos tudo são palavras dependuradas muitas vezes sem significação nem sentido; nos estrangeiros há uma expressão genuína e breve, um modo singelo e sem rodeios. Este abuso tem principio na nossa ignorância, pois nos parece que valem mais o culto e as palavras do que o argumento da oração; e daqui vem que todo o homem, que tem notícia de outra qualquer língua, compõe com melhor estilo o português... E' necessário que um homem no seu escrito ou carta não seja afectado, mas com modo sério explique-se com palavras que façam completa a oração sem tumulto, e signifiquem o seu pensamento sem indigestão. Para isto não pode haver regra geral porque v. g. se fôr expressivo e claro, o escritor com a lição dos livros se faz perfeito.

José da Cunha Brochado.

Casa. Aluga-se uma casa nova, aos andares, na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra. Informa-se na casa imediata. (139)

A pena de morte

Fêz agora 74 anos, que em Portugal, nas últimas sessões legislativas, se votou o projecto do código civil e a abolição da pena de morte nos crimes civis. E foi o deputado Aires de Garcia, depois bispo de Bthesaida, quem mais pugnou para que tal penalidade fôsse posta de parte.

Na Câmara eleita, só 2 votos se opuseram, alegando que só os costumes e a civilização a poderia terminar, mas pode-se dizer que foi aceite por unanimidade, porque contra êsses 2 votos, havia 99.

Já 2 anos antes, Aires de Garcia trabalhava neste sentido e a sua primeira proposta foi apresentada em 1863, em que projectava a abolição radical e completa. No ano seguinte, nas demais propostas apresentadas vinham algumas restrições, porque propunham apenas e unicamente a abolição para os crimes civis, ficando ainda em rigor para os militares e marinheiros.

Foram estas que venceram e só mais tarde, com o advento da República, é que ela foi riscada do código militar.

No tempo que se seguiu a tão notável acontecimento, Junho de 1864, Portugal começou a sentir-se mais humano, deixando de assistir ao espectáculo horrível e repugnante da morte dada friamente em público, pelos executores da Justiça. Os entusiasmos dos portugueses já se haviam voltado para outro lado, estavam possuídos da febre do progresso, interessavam-nos mais as suas manifestações do que assistir a uma amostra, embora reduzida, dos antigos autos de fé. Esta ideia exprimiu-a Aires de Garcia num dos seus discursos de então, quando disse:

«Nós hoje quasi que se quizessemos não podiamos fazer uma execução, porque a opinião pública reagia enérgicamente contra isso e até porque tivemos o bom senso de destruir o local onde se levantava a força em Lisboa, e fazer-lhe em cima a gare do caminho de ferro. Substituímos a barbaria pela civilização. Onde se ouvia o gemido e se via a agonia do moribundo, estrebuchando na fôrca, ouve-se hoje o silvo da locomotiva, vê-se a vida e o progresso».

Para as mulheres, a pena de morte tinha sido abolida em 1772.

Esta atitude tomada por Portugal, teve êco no estrangeiro e é com certo orgulho que recordamos entre outras homenagens, a de Victor Hugo, dirigida ao fundador do «Diário de Notícias». Numa das últimas partes dessa carta, V. Hugo afirmava:

«Abolir a pena legal deixando a morte divina todo o direito e mistério, é um progresso augusto de todos. Felicito o vosso parlamento, os vossos pensadores, os vossos escritores e os vossos filósofos. Felicito a vossa nação. Portugal dá o exemplo à Europa».

E agora, passados 74 anos, em que a pátria de Camões, assente na moral cristã e tradicional do país, procura preparar melhores portugueses, não faz sentido o restabelecimento da pena de morte, que profundamente fere os sentimentos generosos em que têm vivido as duas ou três últimas gerações. Estou certa de que não seria bem recebida pelo povo, por ser fundamentalmente anti-humana e anti-cristã uma tal resolução. Ainda nêle existe a razão longe da paixão cega e os princípios cristãos, entre os quais está o mandamento — «não matarás». E para verificarmos isto, é ver a elevação e o sentir com que vozes, de norte a sul, se levantaram contra tal restabelecimento, em todos os jornais e revistas.

Para a condenar, basta apontar entre tantos inconvenientes da sua aplicação, o ser irreparável perante o perigo de êrro jurídico, sempre punível, visto que são homens que julgam — errare humanum est...

A história dá-nos bastantes exemplos, foca-nos imensas vítimas que foram tiradas do campo dos vivos, reconhecendo-se passados anos, meses, dias e até horas, a sua inocência. E quantos dêsses que fôram justificados, hoje são recordados e se lhes erguem em sua memória monumentos, que os procuram imortalizar e fazer esquecer o êrro de que fôram vítimas.

Cristo, foi entre muitos, um mártir e uma vítima da pena de morte por crime político. Poderão aqueles que seguem as suas doutrinas de Amor e Bondade, sem escarnecer o nome de Jesus, defender a aplicação de tal pena?

Argumentam que o criminoso é um vulto negro para a sociedade, um mal e por isso a podia destruir, mas esquecem-se que o criminoso é um anormal e os anormais, que são doentes, tratam-se; e hoje há meios de evitar que êles continuem seus malefícios, sem lhes aplicar a eliminação pura e simples.

O matar, mesmo que seja pela Justiça, não difere muito de castigar um crime com outro crime!

A pena de morte proposta, está portanto em desacôrdo não só com a generalidade do espirito português da actualidade, mas com tôdas as leis humanas, sejam elas científicas, morais ou religiosas.

A sua aplicação só poderia despertar ódios e educar na ferocidade sanguinária, o que nunca é desejável no espirito do povo ou na educação dos novos. — *Maria Aurora.*

De «O Trabalho», de Viseu.

Criticas Pequenas

Se é sempre do agrado particular dos amantes da boa linguagem o artigo principal de Agostinho de Campos no **Comércio do Porto** dos domingos, é sempre do agrado de todos o roda-pé também domingueiro de Júlio Dantas.

Bem sabia a gente que em terras de França o Fernão Lopes gaulês do século XIV se chamou Jean Froissart.

Bem sabiamos nós que êsse grande Cabouqueiro da História foi um Cronista de alto preço.

Estava reservado para Júlio Dantas o justo critério de lhe chamar *um grande jornalista*, «o primeiro grande jornalista europeu».

João Froissart não fêz História no folhear dos cartulários e no decifrar dos pergaminhos.

O famoso Cronista correu a França e a Inglaterra e a Escócia, a Espanha, a Holanda, a Itália, «freqüentando os paços dos senhores, os claustros universitários, as comunidades monásticas, surpreendendo nas fontes vivas e palpantes a flor dos acontecimentos, e realizando com os poderosos da religião e do século verdadeiras *interviews*, que depois reconstituía e fixava, no silêncio da noite, curvado sobre a sua estante de arqui-banco».

Por isso «os profissionais do jornalismo francês vêm hoje em Froissart — reporter e entrevistador do século XIV — o mais prestigioso e o mais remoto dos seus antepassados».

Tôdas as minudências de que se socorreu o Grande Folhetinista demonstram a sociedade a formosa tese de tam apreciável estudo.

A sua oportunidade é bem evidente: a comemoração do sexto centenário do Narrador admirável que foi simultaneamente um dos Mestres da Prosa Francesa.

Confidências de um Poeta

Depois de sete anos de ausência Américo Durão voltou ao Chiado, embora numa rápida visita

Não é ainda um regresso, apenas uma visita, espiritualizada de nostalgia, que Américo Durão, o do «Tântalo», faz a Lisboa. Para quem passa a fronteira, e enche os olhos do mundo fulgurante, ou quem, voluntariamente, se exila na provincia, entre o perfil dum castelo e a água cristalina dum rio, que diz «Ave», numa oração eterna de beleza — o Chiado fácil e fútil, bordado de cafés e de livrarias, com esquinas ilustres, e centros de má lingua, tem infinitas seduções. O homem ainda não é tão universal que possa fugir ao seu meio. E' o caso dêsse poeta, magro e triste, de voz baixa, tímido de maneiras, e escondendo uma sensibilidade de doentia emoção, que há sete anos, a necessidade de fazer vida, para não dizer de a ganhar, levou até Guimarães, onde tem estado tão escondido, como silencioso.

Por vezes, um dos do Chiado, dêsstes de poesia barata, perguntava:

— Onde pára êsse Américo Durão? E lembravam o seu «Tântalo», que foi uma revelação de talento; «A Lâmpada de Argila», confidência mais íntima duma alma, luz triste e serena, ardendo na iniquitação da noite, e o «Poema da Humanidade», em que o autor dir-se-ia ter ajoelhado na terra para cantar as suas mais simples ofendas.

Américo Durão voltou outro dia — ontem, numa curta passagem, para reencontrar amigos queridos, e anunciar o seu último livro: «Tombola e outros poemas do Destino». Vem menos magro, mas tem o mesmo timbre, surda e velada a sua voz distante.

— Queremos ouvi-lo! Diga-nos o que tem feito?

Américo Durão amarrotou as mãos com embaraço. Tudo, menos uma entrevista, deve êle pensar. Temos que vencer a sua timidez, aquele natural acanhamento de quem sente a agudeza duma luz muito viva — a iluminá-lo, a destacá-lo. E, quando se resolve, diz-nos com profunda sinceridade:

— Parti daqui muito magoado. A vida foi dura para mim, nada me dando do que eu esperava dela. A viagem foi interminável, mas quando cheguei ao norte, da Trofa para cima, a paisagem recebeu-me, carinhosa e acolhedora. Tive a impressão de ter abandonado um caminho árido, pulverulento, mergulhando nas ondas que me envolviam. Era o mar!... Essa sensação de frescura, de alegria, era natural num homem, como eu, que nasceu na fronteira do Alentejo, a provincia mais triste de Portugal...

— E o que fez?

— Tomei posse do lugar de secretário da Câmara com a minha carta de bacharel, e durante dias, meses inteiros, não convivi com ninguém... A velha cidade chegava-me! E' raro não haver uma rua onde não haja uma coisa digna duma paragem. O castelo é dos mais evocativos e dos mais belos do país. Os paços do duque de Bragança, que estão sendo restaurados pelo Estado Novo, são uma coisa assombrosa. O Museu Alberto Sampaio, o mais bem arranjado da provincia, e de que Alfredo Guimarães fez a razão principal da sua existência... Mas isto parece uma guia de turismo... O melhor é parar...

O poeta entra-nha-se dentro do seu espirito, e na sua penumbra, risca este traço, que é mais significativo.

— Certa noite medieval, entre os umbrais de granito e as pedras de armas de Guimarães, passeava eu com o artista inglês Little... Conhece-o? E' pequeno como o seu apelido, franzino, e tem nos olhos meio planeta de viagens. Estava assombrado ante a arquitectura da cidade. Só tinha uma expressão: — «Parece impossível».

— E ainda leva essa vida isolada?...

— Não! Pouco a pouco fui colhendo amizades humanas, sem distinguir classes. Operários, camponeses, colegas da advocacia. As pessoas, e não o que elas representam na sociedade, é que me interessam. E dei-me bem! E' gente boa, hospitaleira, que recebe de braços abertos... Há muitas questões em pleitos nos tribunais... Um muro, um senhorio de águas... Deve ser o resultado da terra estar repartida em leiras pequenas. Ali, pode dizer-se que o campo está já dividido. O proprietário colhe metade, e o rendeiro a outra metade. Ao principio todos me diziam mal uns dos outros. — «Você acha-o bons, porque não os conhece!» — tal qual uma família que se zanga amuide, mas que se defende, com lealdade, quando outra a ataca.

E Américo Durão fala-nos com ternura dos mestres de Guimarães, elogiando a sua actividade e o seu gosto artístico: lavrantes de oiro, cutilarias de fina tempera, coiros lavrados e tecidos admiráveis.

— Hoje sou quasi vimaranense, e tenho lá dois filhos, nados e criados, sobre cuja cabeça pus os muitos so-

nhos e legítimas aspirações que a vida não me deixou realizar.

— Tem trabalhado muito?

— A «Tombola», que está no prelo, e duas peças de teatro, «Madame Eglantine» e «Já não temos vinte anos».

— A última é o seu caso?

— Não! Talvez a «Madame Eglantine» — diz o poeta sorrindo. Uma tem a lida Stichini e diz que a representa logo que tenha companhia; a outra esteve alguns anos numa empresa, na expectativa de ser representada, e com o pretexto de ter saído a notícia de que ia ser publicada foi-me devolvida porque me podia ser necessária...

— A sua geração?

Com amargura:

— Duma maneira geral, a minha geração não venceu. Venceu a que veio a seguir. Era excessivamente idealista. Adaptava-se mal às necessidades da vida. Infelizmente, tenho feito à minha custa êsse doloroso tirocinio.

Fala-se neste e naquele. Correntes novas de literatura. Grupos. Revistas literárias da «Presença» e da «Revista de Portugal».

— Essa última parece-me a mais interessante tentativa literária dos últimos tempos. Quanto à «Presença», siga-a com interesse, mas desapassionadamente. O seu horizonte é limitado, embora o reconheça humano. O mundo não é constituído, apenas, pelos raros. Fora dêsstes é que verdadeiramente existe o mundo. Como a «Presença» tem, porém, desenvolvido certas personalidades, convengo em que por meio delas se chegue a descobrir um pouco a alma de todos.

— Virá para Lisboa?

— Desejo ardentemente voltar. Confesso-lhe que ando um pouco doente, cansado de isolamento, de renfência. Talvez tenha saudades do Chiado!...

Do «Diário de Lisboa».

Uma visita à Cidade

XI Comentários

A pesar-de ser Guimarães uma terra onde há fortunas importantes e onde a *existência* de um milionário não se torna um facto excepcional — por que os há em bem elevado numero — constatei que dessa circunstância pouca utilidade tem havido para o bem comum, o mesmo que dizer para o progresso dos vimaranenses. Por outras palavras, poder-se-á dizer que a iniciativa particular se tem mantido indiferente perante o engrandecimento de Guimarães. Referindo-me simplesmente à Cidade, visto ser dela que me tenho ocupado, não vi outro fruto dessa iniciativa digna de admiração pública a não ser a construção do «Teatro Jordão», na Avenida Cândido dos Reis, melhoramento que desde há anos vinha constituindo uma das aspirações vimaranenses. Essa casa de espectáculos, que dentro de breve prazo de tempo deve ficar em condições de ser inaugurada, vem, pois, solucionar um problema, cuja solução despertou boas vontades, mas que, afinal, nenhum bom resultado produziram, uma vez que a questão financeira só com dinheiro podia ser resolvida. Se a solução da construção do Teatro apenas dependesse da Organização de uma ou de mais Comissões, sem quaisquer outros compromissos inerentes à realização dessa iniciativa, então tudo se teria conseguido com a publicidade da existência de uma ou de mais comissões. Porém, como a realidade não podia constatar-se como um facto verdadeiro e consumado sem que o factor «dinheiro» existisse, o problema da construção do Teatro tanto aparecia envolvido em consoladoras esperanças como, logo a seguir, não passava de uma triste ilusão!

Pelo menos, foi essa a conclusão a que cheguei das várias vezes que a Imprensa se referiu ao caso, ora cantando hinos de alegria, ora *murmurando a oração da agonia*... De sorte que os anos iam passando e a cidade ia continuando sem uma casa de espectáculos decente. Mas, como não há mal que sempre dure, a construção do Teatro é rápida e definitivamente resolvida pelo sr. Bernardino Jordão, que, sem se agarrar ao auxilio de ninguém, prometeu aos vimaranenses um teatro moderno e

satisfazendo os principais preceitos da higiene, do asseio e do conforto. Uma vez feito esse prometimento, que deu lugar a uma significativa manifestação de simpatia ao devotado amigo de Guimarães, as obras principiaram imediatamente e hoje os Vimaraneses já podem orgulhar-se de terem um Teatro que não fica mal ao lado dos melhores que existem no País.

Este importante melhoramento, que é, portanto, devido à iniciativa particular, é uma prova de que esta, quando bem compreendida, pode desempenhar um papel de grande alcance, no progresso de qualquer terra. E por ser assim, torna-se necessário estimular os seus promotores e considerá-los bons baírristas e bons patriotas. Há terras que devem a maior parte do seu desenvolvimento à iniciativa particular posta em prática por meio de diferentes modalidades. Pena é que em Guimarães não apareçam outros capitalistas a seguirem o exemplo do sr. Bernardino Jordão, que, segundo me disseram, não tencionava limitar a bela casa de espectáculos a que me venho referindo a importância da sua acção no sentido de ampliar os benefícios provenientes da iniciativa particular.

Se, porém, ainda estará nessa resolução é coisa que não posso afirmar, atendendo a motivos que o devem ter desgostado. E sobre a iniciativa em referência, nada mais vi que chamasse a minha atenção. Isto, como disse, passa-se dentro da Cidade.

1938 - Setembro, 8. Zé da Aldeia.

I.ª Feira Internacional de Amostras, no Pôrto

Da Comissão Executiva da 1.ª Feira Internacional de Amostras, recebemos o seguinte officio: Pôrto, 6 de Setembro de 1938.

Snr. Director do jornal «Notícias de Guimarães» Com os nossos melhores agradecimentos pelas transcrições e referências feitas no jornal que V... tão dignamente dirige, à «1.ª Feira Internacional de Amostras do Pôrto em 1939», temos a satisfação de dar-lhe conhecimento de que a Ex.ª Câmara Municipal do Pôrto, em sua sessão de 11 de Agosto p. passado, «resolveu dar todo o seu apoio moral» ao referido certame que qualificou de «útil iniciativa».

Pelo alto significado de tão prestigiosa adesão que representa um poderoso estímulo para a realização duma iniciativa que aspira a beneficiar todo o País, confia esta Comissão Executiva que V... se dignará dar-lhe a publicidade que julgar conveniente, o que antecipadamente agradece com as mais Sinceras Saudações

Pela Comissão Executiva da 1.ª Feira de Amostras do Pôrto em 1939, R. Sousa Ferreira.

da cidade Boletim Elegante

Aniversários natalícios Hoje, dia 11, passa o aniversário natalício do nosso prezado amigo e conceituado negociante portuense, sr. Francisco Costa, que actualmente se encontra, com sua família, a veraneiar nas Termas de Vizela, e a quem endereçamos os nossos cumprimentos.

Partidas e chegadas Deram-nos à dias a honra da sua visita os srs. dr. José Guilherme Pacheco de Miranda, illustre sub-director do «Jornal de Notícias», e seu filho, o engenheiro sr. Pacheco de Miranda, que se encontram a veraneiar na casa de Batoucos, próximo desta cidade. — Deu-nos igualmente o prazer da sua visita o nosso querido camarada do «Jornal de Notícias», sr. Salvador Braga, que se encontra a veraneiar no Ilotel da Penha. — Encontram-se na Póvoa de Varzim, com suas famílias, os nossos prezados amigos srs. João de Deus Pereira, Braulio Teixeira Carneiro, António de Sousa Lima e Joaquim da Silva Eugénio. — Na sua propriedade de Fragosos encontra-se, com sua família, o nosso prezado amigo sr. Arrigo Neves de Castro. — Também se encontra nas suas

propriedades o nosso bom amigo sr. Alberto Gomes Alves. — Partiu para a praia de Francos o nosso bom amigo sr. João Teixeira de Aguiar. — Regressou da Póvoa de Varzim, com sua família, o nosso amigo sr. Alberto Laranjeiro dos Reis. — Regressou de Caldelas o nosso amigo sr. António Zeferino Pereira da Costa, activo funcionário da Secção de Finanças. — Encontra-se a veraneiar em Santa Eufémia de Prazeres, com sua família, o nosso amigo sr. Francisco Ribeiro, activo industrial de Padaria em Lisboa. — Partiu para Fão o nosso prezado amigo e digno pároco de S. Paio, rev. Luiz Gonzaga da Fonseca. — Partiu para a Póvoa de Varzim, com sua família, o nosso prezado amigo sr. Joaquim Azevedo. — Regressou de Monsul, Póvoa de Lanhoso, onde durante alguns dias esteve a descansar, o illustrado Arcebispo Monsenhor João António Ribeiro. — Regressou do Pôrto, onde esteve a fazer tratamento numa casa de Saúde, a dedicada esposa do nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. José Pinheiro Guimarães.

Casamento Na igreja paroquial de Vila Fria, Felgueiras, realizou-se, no passado dia 8, o casamento do nosso prezadíssimo amigo sr. dr. Manuel Jesus de Sousa, distinto director técnico do Laboratório «Hôrus», desta cidade, com a sr.ª D. Maria das Neves Leite Melo. O acto revestiu um aspecto íntimo, tendo sido celebrante o rev. Armando Pereira, illustrado pároco da freguesia de Ferreiros, daquelle concelho e parente da noiva.

Foram padrinhos, por parte da noiva, seus pais a sr.ª D. Maria da Conceição Leite Melo e o sr. João Leite e, por parte do noivo, sua mãe D. Maria Joaquina Martins e o sr. Luiz Pedro Marques, sócio da importante firma Castilho & C.ª, do Pôrto, e íntimo amigo do noivo.

Aos noivos, que são dotados das melhores qualidades e que seguiram em viagem de núpcias para o Sul, desejamos as maiores felicidades.

Doentes Tem passado bastante incomodada as esposas dos nossos amigos srs. Luiz de Moura Nunes e Francisco Correia Lopes. Desejamos as suas melhoras.

Baptizado Na igreja paroquial de S. Tomé de Aboação, baptizou-se solenemente, no domingo, um filhinho do nosso amigo e estimado proprietário daquela freguesia sr. Albino Duarte Guimarães e de sua esposa, sr.ª D. Maria Eulália Caridoso, que recebeu o nome de Albino. Foram padrinhos o primo do neófito, o menino José Xavier e a avó materna, sr.ª D. Maria José.

Vida Católica

Festividades Com muito brilhantismo realizou-se 5.ª feira, na forma dos anos anteriores, na capelinha sita ao Largo 1.º de Maio, a festividade anual em honra de N. S. da Guia, que constou de missa cantada, de manhã, e à tarde, exposição seguida de sermão pelo rev. Agostinho Veloso, que teve a escuta de um numeroso auditório, ao qual agradeceu a sua oração.

Na sexta-feira, na mesma capela, realizou-se a festa anual em honra do Senhor da Agonia, que constou de missa cantada. A capelinha ostentava uma luxuosa ornamentação e foi muito visitada nos dois dias das festas. Na sexta-feira de manhã, foi a capelinha visitada pelo Rev.º Bispo de Arena, que muito elogiou os melhoramentos ali introduzidos e bem assim a acção da Mesa e dos seus valiosos cooperadores.

Na quarta feira procedeu-se à eleição da nova mesa para o triénio de 1939-41, tendo sido eleitos: Juiz, Antonino Dias Pinto de Castro; Secretário, Simão Costa; Tesoureiro, Manuel Joaquim da Cunha Machado; Vogais: António Marques Pereira, Alberto Gomes da Silva Guimarães, Francisco Abreu, Patrício de Castro Henriques; Vogais, substitutos: José Ventura Paredes, Jaime José Fernandes, Manuel Calisto e José da Costa Pontes.

Diversas Notícias

Importante Por determinação da Autoridade e conforme editais publicados, às caminhetas de transporte de passageiros de Guimarães à Penha e vice-versa, não é permitido, hoje, receber passageiros durante o trajecto e o seu estacionamento no regresso da Penha é feito no Largo 28 de Maio, onde poderão ser tomados lugares nos seguintes veículos. Misericórdia e Instituto de assistência privada Por despacho Ministerial de 26 de Agosto, foi aprovada a distribuição, em relação ao ano de 1938, da verba consignada no capítulo 6.º, artigo 209 (alínea b), n.º 1 da tabela orçamental do Ministério do Interior, para o presente ano económico, às Misericórdias e outros institutos de assistência privada. Desta cidade de Guimarães são be-

neficiados os seguintes estabelecimentos e instituições: Misericórdia, Asilos de Inválidos de S. Paio e Donim e Hospital António Francisco Guimarães (Vizela), 72.500\$00. Asilo de Infância Desvalida de Santa Estefânia, 2.000\$00; Asilo de Mendicidade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, 1.500\$00; Oficinas de S. José, 4.500\$00; Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, 4.000\$00; Venerável Ordem Terceira de S. Domingos, 4.000\$00; Sôpa dos pobres, 2.500\$00.

Sociedade Columbófila de Guimarães

Em Assembleia Geral, desta progressiva colectividade, foram eleitos para os corpos gerentes, os seguintes senhores: Assembleia Geral — Presidente, Agostinho Martins Rocha; 1.º Secretário, José de Carvalho Jacinto; 2.º, António Eurico Baptista. Conselho Fiscal — Presidente, José Figueira de Sousa; Relactor, José Lopes Mota; Secretário, Martinho Almada Azenha. Direcção — Presidente, Dr. José Maria de Castro Ferreira; Vice-presidente, Manuel Alves Machado; 1.º Secretário, Eduardo Pereira dos Santos; 2.º, Adriano Amílcar F. de Macedo; Tesoureiro, Gaspar Alves Pinto.

Conselho Técnico — Presidente, Alberto Caetano d'Almeida; Vice-presidente, Domingos Alves Ferreira; Francisco Gomes Alves Ferreira; João da Silva Guimarães; Abílio Ribeiro Forte; Duarte Garcia; Virgílio Ribeiro Osório; Manuel Pereira Leite e João da Silva Júnior.

Pombo correio No Pósto Policial de Guimarães encontra-se um pombo correio que foi encontrado na via pública. A respectiva anilha tem o n.º 409-720 e as iniciais L. T. G. Será entregue a quem provar pertencer-lhe.

Liceu Martins Sarmento Terminou ontem, sábado, dia 10, o prazo para requerer o exame em uma disciplina dos alunos que desejem concluir o 1.º e 2.º ciclo. Estão também em pagamento, na secretaria, as propinas de matrícula, cujo prazo termina impreterivelmente no dia 30 do corrente mês. Já se encontra afixado no átrio do Liceu a relação dos alunos a quem foram concedidas isenções de propinas para o ano lectivo de 1938-39.

Câmara Municipal A Câmara Municipal resolveu: Pedir a passagem para a posse do Estado das seguintes estradas: — a) — Estradas de Turismo; — Estrada Municipal n.º 1; — (Guimarães-Penha); — Estrada Municipal n.º 29; — (Penha-Alto de S. Simão); — Estrada Municipal n.º 14; — (Taipas à Falperra); — b) — Estrada Municipal n.º 10, de Brito — (Estrada Nacional 5-primeira — e Estrada Nacional 13-segunda.

Sessão de 9 de Setembro — A Câmara Municipal resolveu: conceder o subsídio de 500\$00 para a realização da Peregrinação à Penha no dia 11; encarregar Manuel Dias, pedreiro, da freguesia de S. Faustino de Vizela, do empedramento das minas da Penha; encarregar Joaquim Faria Diniz da construção dos aquedutos, lagado e calcetaria da estrada de Santa Maria de Airão; encarregar Sebastião de Freitas de proceder às obras necessárias no Pósto da G. N. R.

Assuntos Militares Pelo Comandante do Batalhão de Caçadores n.º 9 é feito o convite aos soldados apontadores e serventes de metralhadora pesada das classes de 1934 a 1937, com mais de 20 anos de idade e daquelle Batalhão para irem servir na colónia de Macau, nos termos do decreto n.º 13.309, de 25 de Março de 1927, com o vencimento de 340, 63 patacas, anualmente, alimentação e fardamento. São preferidos os soldados que tenham os officios de pedreiro, com prática de construção de cimento, trolha, carpinteiro, serralheiro e electricista com prática de condução de motores.

Os soldados da referida unidade, que aceitarem o convite, devem apresentar-se no quartel da mesma, em Braga, no dia 13, corrente, até às 10 horas, acompanhados das suas cadernetas militares, sendo os transportes para se apresentarem naquelle Batalhão à Junta no Hospital Militar Regional, (Pôrto) e Depósito Colonial, à custa dos interessados.

Registo Civil Movimento desta Repartição no mês de Agosto: Registo de nascimentos, 232; idem de casamentos, 17; idem de óbitos, 142. Emancipações, 1.

Ocorrências Incêndio — A's 13 horas de 4.ª-feira manifestou-se um incêndio numa casa do lugar da Boavista, freguesia de S. Torcato, a qual pertencia a Adozinda de Freitas Meira e era habitada por Marcelina Rosa. Comparceram os Bombeiros que lutaram com falta de água, conseguindo no entanto evitar que o incêndio se propagasse aos prédios contíguos. Utilizaram 700 metros de mangueira, trabalhando com uma agulheta. A casa que não estava no seguro ardeu quasi por completo.

Assalto — Cêrca das 3 horas da manhã de 2.ª-feira, no lugar do Paço, da freguesia de S. João de Ponte, deste concelho, João Marques, solteiro, jornalista, de 25 anos, da freguesia da Morreira, do concelho de Braga, e Francisco da Silva, casado, jornalista, de 58 anos, da freguesia de Esporões, do mesmo concelho, quando se dirigiam para a freguesia de Fermentões (Guimarães), onde trabalhavam, assaltaram a propriedade de que é caseiro João Ribeiro, casado, lavrador, os quais depois de terem colhido vários frutos, agrediram, barbaramente, à paulada o João Ribeiro e sua esposa Emília Martins que receberam curativo no Hospital da Misericórdia.

O Ribeiro encontra-se bastante ferido. Os agressores foram presos. Queixas — Olegário Marcelino de Araújo, proprietário, morador no Largo 28 de Maio, desta cidade, queixou-se à policia de que, na noite de 29 de Agosto findo, lhe roubaram de uma camionete, que estava parada junto à Pensão Luzes do Miúdo, uma roda sobrecelete, no valor de 2.000\$00. — Joaquim de Oliveira, casado, jornalista, de Vila Nova de Sande, queixou-se contra Domingos da Rocha, casado, lavrador, e outros da mesma localidade por agressão à paulada.

Cadastro dos Desempregados Na Câmara Municipal (Repartição dos Serviços Policiais) foi enviada a todos os presidentes das Juntas de Freguesia uma nota-circular para procederem ao cadastro de todos os desempregados das freguesias, até ao dia 30 de Novembro do corrente ano, enviando a respectiva relação à mesma repartição, elementos esses que hão de servir para a organização do novo cadastro geral de todos os desempregados existentes em todo o continente da República Portuguesa.

Melhoramento rural A pedido das Juntas de freguesias de Urgez, Pinheiro, Taboadelo e Aboação, a Câmara Municipal vai mandar calcetar o caminho publico que da estrada municipal n.º 5, dá acesso ao apeadeiro de Covas. Este melhoramento vai satisfazer uma velha e justa aspiração de todos os habitantes não só daquelas freguesias mas ainda das de Calvos, Tagilde e muitas outras que tem de utilizar-se da referida estrada quando necessitam de tomar o comboio naquele apeadeiro.

Urgez, 8 — Continuam os habitantes das margens da estrada, envolvidos nas mais densas e incessantes névens de poeira. E' custoso, não obstante o que já por várias vezes aqui se tem dito a este respeito, observar-se, com tendências de mal a pior, a maneira como os cantoneiros — agora, dois! — vêm procedendo para a conservação da estrada: arrastando constantemente para a sua pavimentação, o pó — o pó!!... — amontoado aos lados, fazendo uma poeira infernal durante esse serviço, sem respeito algum por nada, inclusivamente as casas de comércio que se vêm na contingência de encerrar as portas, enquanto os ditos cantoneiros se não afastam.

Os fiscaes de géneros alimentícios, que aplicam multas quando notam que os artigos têm pó, por aqui encontram-nos às carradas, pois é tanta a abundância, que nada lhe escapa, nem mesmo um Santo dentro duma redoma. Acaso não será possível, enquanto melhor não possa ser, substituir o pó por areia? Se por ventura a estrada fosse asfaltada, provavelmente que a areia teria que aparecer... Não cremos que os cantoneiros, para a sua conservação, tivessem de recorrer ao pó das bermas e valéas da estrada, o que não é dado, e o que de nada valeria, como agora acontece: após a passagem de meia dúzia de veículos, aluviões de pó, estrada varridinha, e eis de novo os cantoneiros em acção. E assim sucessivamente. E' custoso e lamentável!

Realizou-se, na segunda-feira passada, o casamento do nosso amigo sr. Manuel Teixeira, filho do sr. Avelino Teixeira e de sua esposa, com a menina Alzira Mendes de Oliveira, prendada filha do sr. Gonçalo Mendes de Castro e de sua esposa.

Finda a cerimónia religiosa e após o copo d'água, seguiram os noivos em viagem de núpcias. Desejamos-lhes as maiores felicidades. — Partiu para Lordelo, na passada terça-feira, o nosso bom amigo sr. António de Sousa Oliveira, onde já se encontrava, nas suas propriedades, com sua Ex.ª família.

Encontra-se na Póvoa de Varzim o sr. José Teixeira, da firma Jacinto Teixeira & Irmão, dessa cidade. — Com sua família encontra-se em Vila do Conde o nosso respeitável amigo, Sr. Alberto Costa. — Encontra-se na Póvoa de Varzim a família do nosso respeitável amigo sr. Afonso da Costa Guimarães. — Em viagem recreativa, partiu para Lisboa, no sábado anterior, o nosso amigo, sr. João Mendes de Oliveira, da firma Mendes & Oliveira, dessa cidade, onde deve demorar-se alguns dias. — Alex.

S. Romão de Mesão-Frio, 9 — Completou no dia 5, mais um aniversário natalício o nosso amigo sr. Alberto José Fernandes, de Paçõ-Vieira, activo empregado na Casa do Sr. Damião de Sousa Pinto, dessa cidade. Desejamos-lhe longa vida. — Da Póvoa de Varzim, onde esti-

veram a tratar da saúde, chegaram estes dias a esta freguesia, acompanhados de suas famílias, os nossos amigos António de Sousa, António da Cunha, João Martins e o Sr. António Lopes da Cruz d'Argola. — Os rapazes da Juventude, desta freguesia, trabalham entusiasticamente, para que a sua festa a realizar em meado de Outubro, seja, em proporção das anteriores, muito mais brilhante. Oxalá pois, êles se preparem bem, para que o seu trabalho seja recompensado, com sinceros parabens. — C.

Relação dos individuos autoados pela Comissão Venatória Concellhia de Guimarães, durante o mês de Agosto de 1938, por infracção da Lei de Caça. Gaspar Alves Pimenta, casado, commissionista, morador na R. 5 de Outubro, andar acompanhado de cães em busca de caça em tempo de defeso, multa n.º 1.º art.º 96 da Lei de Caça 300\$00

Luís Correia de Sousa Oliveira Areias, commissionista, morador no lugar da Cuca da freguesia de Moreira de Cónegos, idem, idem 300\$00

Augusto de Barros, casado, empregado do B. N. U., morador na R. D. João 1.º, idem, idem (em 1934 pagou igual multa por caçar com furão) 300\$00

João de Magalhães, casado, marceneiro, morador na R. D. João 1.º idem 300\$00

José Gonçalves Torres Costa, solteiro, proprietário, morador no lugar da Carrapata do Arco de Baulhe, idem, idem 300\$00

António Soares Teixeira, casado, industrial, morador no lugar de Campelos da freguesia de S. João de Ponte, caçar em locais não permitidos, multa idem 300\$00

Manuel de Oliveira, casado, de 25 anos, empregado fabril, morador no lugar de Campelos da freguesia de S. João de Ponte, idem, idem 300\$00

José Joaquim Pereira, casado, de 50 anos, industrial, morador no lugar do Miradouro da freguesia de Creixomil, idem, idem 300\$00

Francisco de Freitas, casado, de 25 anos, lavrador, morador no lugar do Assento da freguesia de Pencilo, caçar em tempo de defeso por meios não permitidos, multa idem 300\$00

Egídio Pinheiro Salgado, de 60 anos, proprietário, morador no lugar de Simões da freguesia de Silvares, caçar solto em terrenos frequentados por caça, multa n.º 3.º art.º 81.º e art.º 92.º da Lei de Caça 100\$00

Bento Antunes, de 30 anos, casado, pedreiro, morador no lugar de Arrentado da freguesia de Atães, idem, idem 100\$00

Francisco da Cunha, casado, de 55 anos, lavrador, morador no lugar da Brunaria da freguesia de S. Pedro de Azurém, idem, multa n.º 3.º do art.º 81.º da Lei de Caça 50\$00

João de Castro, de 35 anos, casado, lavrador, morador no lugar da Cêpa da freguesia de S. João de Ponte, idem, idem 50\$00

Joaquim Teixeira, solteiro, de 23 anos, lavrador, morador no lugar da Retorta da freguesia de Infantas, idem, idem 50\$00

Total . . . 3.050\$00 Dêste total pertence 1/4 ou seja esc. 762\$50 a cada uma das seguintes partes: Santa Casa da Misericórdia, Câmara Municipal, Comissão Venatória e Autoante ou participantes. Sobre aquote total incide a percentagem de 25 % ou seja 762\$50 para o Estado.

RELAÇÃO dos concelhos onde está prohibida a caça a todas as espécies por tempo indetermiado nas Zonas de Repovoamento, marcadas com tabelas: Amarante, Barcelos, Bragaça, Caminha, Celorico de Basto, Espôsende, Fafe, Gondomar, Guimarães, Marco de Canavezes, Mesão Frio, Penafiel, Ponte da Barca, Póvoa de Lanhoso, Santo Tirso, Vale de Cambra, Valença, Vila da Feira, Vila Nova de Gaia, Vila Real e Oliveira de Azeméis.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Francisco Agostinho Cardoso de Lemos Contando 81 anos de idade, finou-se no passado domingo, na sua residência, à rua D. João I, o antigo comerciante local, sr. Francisco Agostinho Cardoso de Lemos, casado com a sr.ª D. Beatriz Lemos, pai das srs. D. Virginia Lemos Rocha e D. Lidia Lemos Macêdo e sogro dos srs. Raúl Rocha e António Macêdo. O seu funeral realizou-se na segunda-feira para o cemitério municipal, em cuja capela foram resados os responsos de sepultura.

A toda a família enlutada apresentamos sentidas condolências.

Missa do 30.º dia Na igreja de N. S. da Oliveira realizou-se no dia 6 do corrente, perante numerosa assistência, a missa do 30.º dia por alma do sr. José Rodrigues Martins da Costa (Aldão).

Anjinho Com 3 meses de idade finou-se o inocente Luiz Lucindo Ramos Nogueira, filho da Sr.ª D. Marília Ramos e do Sr. Manuel Nogueira.

do concelho

Pevidém, 9 GIRO DO AVE

Realiza-se no dia 25 de Setembro, pelas 14 horas, a mais importante corrida denominada «O Giro do Ave» para corredores amadores Seniors, (Fracos), filiados e não filiados, com o seguinte itinerário: Pevidém (partida), Carreira, Joane, Famacão, Braga, Pinheiro, Póvoa de Lanhoso, Caldas das Taipas, Guimarães e Pevidém (meta); os prémios, que já se encontram em exposição, são os seguintes: 1.º prémio, uma artística Taça e 50\$00; 2.º uma Taça; 3.º um objecto de Arte; 4.º idem; 5.º uma artística medalha dourada; 6.º uma medalha em prata.

Para a primeira equipe de 2 corredores, uma Taça em prata. A inscrição encontra-se aberta na Barbearia Nunes e na Sede do Club, até às 12 horas do dia 25, ao preço de 5\$00.

De visita a sua tia a Sr.ª D. Lucinda de Lá Cueva Ferreira Pinto, esteve entre nós o Sr. Angelo Braga Condé sua esposa D. Emilia Teles de Castro Simões Braga Condé.

Também se encontra na sua quinta do Assento, freguesia de S. Cristóvão de Seih, o Sr. Porfirio Mendes Ribeiro. — Regressou das Pedras Salga-

CAÇA

Relação dos individuos autoados pela Comissão Venatória Concellhia de Guimarães, durante o mês de Agosto de 1938, por infracção da Lei de Caça.

Gaspar Alves Pimenta, casado, commissionista, morador na R. 5 de Outubro, andar acompanhado de cães em busca de caça em tempo de defeso, multa n.º 1.º art.º 96 da Lei de Caça 300\$00

Luís Correia de Sousa Oliveira Areias, commissionista, morador no lugar da Cuca da freguesia de Moreira de Cónegos, idem, idem 300\$00

Augusto de Barros, casado, empregado do B. N. U., morador na R. D. João 1.º, idem, idem (em 1934 pagou igual multa por caçar com furão) 300\$00

João de Magalhães, casado, marceneiro, morador na R. D. João 1.º idem 300\$00

José Gonçalves Torres Costa, solteiro, proprietário, morador no lugar da Carrapata do Arco de Baulhe, idem, idem 300\$00

António Soares Teixeira, casado, industrial, morador no lugar de Campelos da freguesia de S. João de Ponte, caçar em locais não permitidos, multa idem 300\$00

Manuel de Oliveira, casado, de 25 anos, empregado fabril, morador no lugar de Campelos da freguesia de S. João de Ponte, idem, idem 300\$00

José Joaquim Pereira, casado, de 50 anos, industrial, morador no lugar do Miradouro da freguesia de Creixomil, idem, idem 300\$00

Francisco de Freitas, casado, de 25 anos, lavrador, morador no lugar do Assento da freguesia de Pencilo, caçar em tempo de defeso por meios não permitidos, multa idem 300\$00

Egídio Pinheiro Salgado, de 60 anos, proprietário, morador no lugar de Simões da freguesia de Silvares, caçar solto em terrenos frequentados por caça, multa n.º 3.º art.º 81.º e art.º 92.º da Lei de Caça 100\$00

Bento Antunes, de 30 anos, casado, pedreiro, morador no lugar de Arrentado da freguesia de Atães, idem, idem 100\$00

Francisco da Cunha, casado, de 55 anos, lavrador, morador no lugar da Brunaria da freguesia de S. Pedro de Azurém, idem, multa n.º 3.º do art.º 81.º da Lei de Caça 50\$00

João de Castro, de 35 anos, casado, lavrador, morador no lugar da Cêpa da freguesia de S. João de Ponte, idem, idem 50\$00

Joaquim Teixeira, solteiro, de 23 anos, lavrador, morador no lugar da Retorta da freguesia de Infantas, idem, idem 50\$00

Total . . . 3.050\$00 Dêste total pertence 1/4 ou seja esc. 762\$50 a cada uma das seguintes partes: Santa Casa da Misericórdia, Câmara Municipal, Comissão Venatória e Autoante ou participantes. Sobre aquote total incide a percentagem de 25 % ou seja 762\$50 para o Estado.

RELAÇÃO dos concelhos onde está prohibida a caça a todas as espécies por tempo indetermiado nas Zonas de Repovoamento, marcadas com tabelas: Amarante, Barcelos, Bragaça, Caminha, Celorico de Basto, Espôsende, Fafe, Gondomar, Guimarães, Marco de Canavezes, Mesão Frio, Penafiel, Ponte da Barca, Póvoa de Lanhoso, Santo Tirso, Vale de Cambra, Valença, Vila da Feira, Vila Nova de Gaia, Vila Real e Oliveira de Azeméis.

AS JÓIAS DA OURIVESARIA ANCORAZEM PARTE INTEGRALMENTE DA "CORBEILLE" DUMA NOIVA. Ourivesaria Ancora Rua 31 de Janeiro, 21 a 25 Telefone, 6078 PORTO

O NOTÍCIAS DO EDIPISTA

Secção Charadística dirigida por Lusbel

Depois das charadas «Novíssimas» e «Sincopadas» que explicamos nos n.ºs 1 e 2, seguem-se as

Mefistofélicas — A charada Mefistofélica é uma produção absolutamente igual à Novíssima, mas em que a segunda parcial começa pela última sílaba da primeira parcial.

Tem estas produções, no final, também como as Novíssimas e as Sincopadas, os seus números que servem para o decifrador por eles se regular. Esta indicação é sempre composta de 3 algarismos dois dos quais entre parêntesis () e que marcam a quantidade de sílabas de cada parcial e um terceiro que indica a mesma quantidade da decifração do conceito. Este algarismo é sempre inferior à soma dos dois entre parêntesis, porque a decifração do conceito é formada pelas sílabas parciais, menos aquela que sendo a última da primeira e portanto a primeira da segunda (conforme acima se diz) se elimina, numa das parciais, por duplicação.

Exemplo: A pedra onde o «animal» se escondeu, estava na «embarcação». — (2-2) 3.

E' esta charada uma Mefistofélica e, portanto, esta a sua apresentação. Temos a primeira parcial que é pedra e a segunda que é animal. Cada uma destas parciais tem 2 sílabas, conforme a indicação 2-2 colocados nos parêntesis mas a decifração terá só 3 em virtude da eliminação a que nos referimos e conforme indica o número fora do parêntesis.

Procurando, pois, um sinónimo de pedra com 2 sílabas, encontraremos Fraga e, depois, procurando um nome de animal também com 2 sílabas mas (não esquecer a regra) começado por ga (última sílaba da primeira parcial) encontraremos com facilidade Gata. Seguindo agora a regra apontada, temos Fra e Gata; como a sílaba ga se repete, excluimo-la numa das parciais e achamos Fragata que é a embarcação, termo dado como conceito.

CHARADISMO

1.ª Série N.º 3

Charada em verso

1) Ao amigo Pacatão nas charadas campeão lá da Invicta cidade, um grande xi-coração — 1 consagre nesta Secção — 1 a nossa muita amizade.

Guimarães. Doralvas.

Novíssimas

2) A vaidade num desamparado torna-o ainda mais vaidoso. — 2-1.

Pórtó. Pacatão.

3) «Nota» que se fiz tanto alardi-foi por te ver com o pé torcido. — 1-2.

Polvoreira. Retrobi.

4) Minha alma «dobra» ao sentimento sempre que ouve aquele orador. — 2-1.

Pevidém. João da Aldeia.

5) A origem da atmosfera poder-se-á fundamentar? — 2-1.

Guimarães. A'dé.

6) Este enigma é único e incompreensível. — 4-1.

Pevidém. Esfinge.

Sincopadas

(7) O «animal» parou no meio da povoação. — 3-2.

Guimarães. José do Canto.

8) Ser grande é a vontade de todos. — 3-2.

Guimarães. Dr. X.

Mefistofélicas

9) E' tam mau dançador aquele que tem a risca no cabelo, que chega a ser «porco». — (2-2) 3.

Guimarães. Don Zé Franuli.

O praso para a entrega das decifrações, é de 15 dias após a saída de cada número, devendo cada decifrador mencionar na lista qual o trabalho mais simples e mais perfeito, bastando para tal, sublinhar a respectiva solução.

Declaração

A família de Mário da Silva Mendes Guimarães declara, por este meio e para todos os efeitos, que não se responsabiliza por quaisquer dívidas que o mesmo contraia.

Guimarães, 1 de Setembro de 1938.

ADÃO

Camisas ADÃO. As melhores. Corte por escala. Perfeito acabamento. Padrões exclusivos.

Só na 130, LOJA DAS CAMISAS (junto ao Café Oriental) e na CAMISARIA MARTINS.

CAMISAS ADÃO

BRASIL

Secção de Procuradoria da Casa Bancária

CUPERTINO DE MIRANDA & C.ª

SÉDE: — Rua Sá da Bandeira, 56 — PORTO

A mais perfeita organização de serviços de administração de bens em todos os Estados do Brasil. Compra e venda de prédios e papéis de crédito; cobranças de alugueis, juros e dividendos; hipotecas, inventários e liquidação de heranças.

Comissões extremamente reduzidas. — Transferências rápidas.

DELEGADOS EM: — Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Porto Alegre, Bahia, Pará, Pernambuco, etc.

Exumações DO PASSADO

(Quadros sinópticos da História Vimaranesa)

A atitude patriótica dos vimaranenses perante os Franceses

«Ficarão ao intimo muitos mortos que se topava pela estrada e outros os levavam nos carros, lançando-os depois por entre os senteiros e barreiros, foram muitos feridos o que se reconhecia pelo muito sangue que deixavam no caminho e se dizia que o mesmo Loysou fora ferido com uma bala na coxa, dos nossos ficaram alguns feridos e só se toparão um morto que se dizia ser aquele de Lamego mandarão para lhe ensinar o caminho, o qual em paga e protecção crivaram com muitas balas e outro se dizia também ser o que levava ordem do juiz de Fora de Lamego por sobre nome o Monte Negro para se alagar

a Ponte de Castro d' Ayre, duas horas com de noite se recolhe toda a tropa a Lamego e no dia seguinte parte a Amarante e os mais bem montados a Lixa, unindo-se com o Regimento de Melicias e Ordenanças entrando em Guimarães victoriosos trazendo como em triunfo humma farda rica sobre humna vara de louro conduzida pelo chautre da insigne colegiada de Guimarães que vinha no meio do Regimento de Melicias, comandava este o coronel reformado João do Couto Ribeiro vinha igualmente o Reverendo Padre Mestre Pacheco e depois de receberem todos os devidos vivas, se encaminharão á Igreja de N. Senhora da Oliveira, na qual o dito Padre Mestre subindo ao pulpito recitou uma energica pratica e dando-se as devidas graças áquela May e Senhora Protectora de tanta felicidade, recebeu aqueles valerosos combatentes os vivas e louvores dos Magistrados que estavam na casa da Câmara, devendo se a estes grande parte de tantas felicidades pelo zelo e acerta das providencias já fazendo conduzir a polvora e balas que tinham chegado do Porto, já fazendo vir duas peças de artilheria da cidade de Braga que

o nosso juiz de Fora pessoalmente foi pedir, já mandando os viveres nesses dias, já finalmente pela actividade e energia com que animarão a todos. Foi no dia 25 que os mais estrepia- dos se recolherão á dita vila a saber: Joaquim Vieira, alferes, José Maria Gaivotto, conduzindo a bandeira, o doutor Antonio Clemente, Lourenço Antonio Vieira, alferes Antonio José Pereira Henrique, José Vieira e outros.

Grande Garraiada

Na Praça de Touros «João de Me-lo», desta cidade, vai realizar-se no próximo Domingo, 18 de Setembro, ás 5 horas da tarde, uma Grande Garraiada, promovida pela Comissão de Festas da Cidade, de colaboração com a Legião Portuguesa, sendo a organização técnica do exímio bandarilheiro sr. Luciano Moreira.

Serão lidados 8 simpáticos garraios, do Ganadero snr. Avelino Figueiredo, de Vagos.

Por especial deferência tomam parte na Garraiada o Cavaleiro sr. ILDEFONSO D'ALMEIDA, consagrado artista nortenho, e os seguintes Bandarilheiros: Dr. João Neto, Guimarães; Armindo da Cunha Guimarães, Pevidém; Manuel João Faria, Vizela; José Gomes da Costa, Famicão; Flávio Faria, Vizela; Nuno d'Almeida, Guimarães.

Forcados: Manuel de Sousa Oliveira, Guimarães; Eduardo Pereira Vila Pouca, Vizela; Luiz Dourado, Fafe; João Antunes Guimarães, Guimarães; Martinho da Silva, idem; Carlos Alberto Sampaio Mendes da Cunha, idem; Oscar Manuel Menezes Areias, idem; N. N., idem.

Campinos: Abraão Pereira e Manuel Novais Pinheiro. Além dos cavalheiros que figuram no programa, por especial deferência para com os organizadores da garraiada, tomam parte os Ex.ºs Srs. MÁRIO SERRA, de São Romão de Coronado, distinto Cavaleiro, que com arte sabe apresentar-se em público; D. RUFINO DE MIGUEL & MIGUEL, destemido espada e ANTONIO FONSECA, seu pé, ambos de Viana do Castelo, que com a sua colaboração ainda mais enriquecem o magnifico elenco.

Temos pois, com todos estes elementos, a garantia de uma magnifica tarde de «aficion».

Como novidades, o Dr. João Neto, por consideração para com os espectadores, fará várias sortes de Capotes e Muleta, acompanhadas de Sonetos da sua autoria, prometendo trabalhar com arte, mimo e Poesia.

Manuel de Sousa Oliveira, mostrará as suas aptidões no Salto à Vara.

Martinho da Silva, se for autorizado pelo Director, colocará um par de ferros curtos com Vara e Meia.

No intervalo, reservam os organizadores uma formidabilissima surpresa, aconselhando as pessoas que se não possam rir, a ficar em casa.

Direcção a cargo de um Delegado da Inspecção Geral dos Espectáculos.

Abrilhanará a Garraiada a excelente Banda dos Bombeiros Voluntários de Guimarães.

Preços Populares — Camarotes de 6 entradas, 60000; Barreira de Sombra, 6000; Sol, 5000; Meia entrada de sombra, 6000; Meia entrada de Sol, 2500, para crianças até 10 anos.

Bilhetes desde já à venda na Camisaria do Snr. Camilo Laranjeiro e na séde da Legião Portuguesa até ás 3 horas da tarde do dia da Garraiada.

Indicações úteis — As portas da Praça abrem ás 3 horas da tarde. Começada a garraiada e suspensa por motivo de força maior, não há obrigação de restituir a importância dos bilhetes. Inutilizando-se algum garraio no trajecto para a Praça ou durante a permanência nesta, não é obrigatório faz-lo substituir. Se por qualquer motivo imprevisto a garraiada tiver de ser transferida, os bilhetes são válidos para quando se anunciar, não tendo os seus portadores o direito de reclamar a importância dos mesmos. Estão em vigor todas as disposições policiaes e de areno em uso nestes espectáculos.

V. Ex.ª

Só deve comprar meias na CAMISARIA MARTINS, a Casa das Meias. As meias da Casa das Meias são perfeitas e rigorosamente na Moda. Sortido completo e mais barato: CAMISARIA MARTINS — a Casa das Meias. CASA DAS MEIAS.

que merecem tal homenagem, pois aqueles foram heróis e como tal assistelhes o direito de uma consagração pública. Mas adiante. Guimarães regosijou imenso com o bom êxito de tão glorioso movimento, por isso solenizou-o com grande satisfação e vestindo galas e ostentando galas celebrou um Te-Deum, no vestu- to templo da sua insigne Colegiada e organizou uma procissão concurren- sissima de féis que percorrer as ruas da então ainda vila no meio das mais en- tu-riásticas ovações à Virgem, sua Pa- droeira. Os sinos repicaram e a noite houve fogo de artifício e luminárias.

Portugal ia então viver dias mais felizes e os vimaranenses se sentiam orgulhosos por terem tão vantajosa- mente concorrido para isso. Mas não só na igreja da colegiada se festejou este prodigioso feito, nos vários conventos houve também iguais manifestações de congratulação. Em S. Francisco e S. Domingos foi Senhor exposto e sermões, pregando naquele Frei Manuel dos Quereznibus. Nas tardes de três dias realizaram- se touradas com mascaradas á mistu- ra, com as suas galantarias e ás noites cavalhadas concurrençissimas em que

INTERNATO ACADÉMICO

anexo ao

Liceu Martins Sarmiento

TELEFONE, 139

TELEFONE, 139

GUIMARÃIS

Instrução

primária,

Secundária,

Cívica

(e)

Religiosa.

Colégio pa-

ra alunos

matriculados

no Liceu ins-

talado no mes-

mo edificio.

Pedir prospectos à Direcção.

Romaria de Santo Antonino

Conforme estava anunciado, efectuou-se, no passado domingo, no pitoresco e aprasivel monte de Santo Antonino, a festividade e romaria anual em honra do Santo deste nome, o qual se venera numa humilde e rústica capelinha ali construida.

A solenidade religiosa revestiu-se de muito brilho, tendo a ela assistido muitos devotos do miraculoso Santo. Foi celebrante da missa, que foi abri- lantada por um quinteto da Banda dos B. V. de Guimarães, o ilustrado sacerdote rev. Magalhães Costa, director do «Diário do Minho», da cidade de Braga. Ao Evangelho subiu ao púlpito o talentoso orador sacro rev. João de Oliveira, pároco da freguesia de Mesão-Frio, que produziu uma inter- essante oração baseada na vida e martirio de Santo Antonino, terminan- do por pedir a protecção do Santo, no que foi acompanhado por todos os pres- entes, para o nosso bom amigo sr. Gaspar Lopes Martins, que se encon- tra ausente no Brasil e que é um grande animador desta festividade.

Findos os actos religiosos, seguiu-se o costumado «pic-nic», oferecido pela família Lopes Martins a muitas pes- soas suas amigas e entre as quais nos lembramos de ter visto: D. Gracinda Lopes Martins, D. Elvira Jordão, D. Maria Helena Martins, D. Rosa Martins, D. Maria Beatriz Montenegro Pereira da Costa, D. Teresa Mendes, João Lopes Martins, P. João de Oliveira, Joaquim de Oliveira, P. José de Magalhães Alves Costa, João de Deus Pereira, João Pedro de Sousa Baptista, Augusto Ribeiro de Araújo, J. da Mota Ribeiro, José André, António José Fernandes Guimarães, Antonio Dias Pinto de Castro, José Gualberto de Freitas, Luiz Filipe Gon- galves Coelho, João Artur Baptista Sampaio, António Dias, Alberto de Faria Braga, Manuel Fraga, João Soares Leite, António de Oliveira, José Ribeiro Machado, Francisco de Araújo, Egidio Pereira da Silva, Alberto da Cunha Guimarães, António Cardoso Rodrigues, Manuel Alves Machado, Armando de Sousa Andrade, António

Bourbon do Amaral, Luiz Gonzaga de Freitas Carvalho, João André, Amadeu Guimarães, António Mota Prego de Faria e João Abreu.

No final deste «pic-nic», que decorreu no meio da melhor satisfação e boa ordem, o sr. João Lopes Martins, em nome de seu pai, agradeceu a todos os presentes a sua comparencia ali, e invocou com saúde a figura de seu estremo pai, actualmente fora do convívio de família e do dos seus numerosos amigos. Em seguida o rev. João de Oliveira leu uma carta que vai ser endereçada ao sr. Gaspar Lopes Mar- tins, carta essa que foi assinada por todos os presentes.

Durante a tarde houve bazar de prendas, fez-se ouvir, com muito agrado, a Banda dos Bombeiros Voluntá- rios, houve decantes populares e sub- biram ao ar muitos aerostatos.

O povo divertiu-se e o arraial decor- reu na melhor ordem.

Para a festa do próximo ano foi nomeada a seguinte Comissão de Mor- domas:

Antónia Fernandes Guimarães, Paço- -Vieira; Maria Isaura de Sousa, Car- reira; Maria de Miranda, Herdade; Laura Fraga, Morteiras; Deolinda de Freitas Soares, V. N. de Infantas.

Juiza das Mordomas — Docinda G. Martins, Belos Ares.

Procurador das Mordomas — Belmi- ro dos Santos Martins.

AGRADECIMENTO

A Família da saudosa D. Angelina Dias Fernandes da Rocha vem por este meio agradecer, muito penhorada, a todas as pessoas que no doloroso tran- se que acaba de sofrer, lhe testemu- nharam o seu pesar e, bem assim, áquelas que se dignaram incorporar-se no funeral e assistir ás cerimónias fú- nebres na Capela do Cemitério d'Atou- guia.

A todos protesta a sua profunda e indelével gratidão.

Guimarães, 8 de Setembro de 1938.

Maria do Carmo Fernandes da Rocha (112) Agostinho Fernandes da Rocha Agostinho Victor Manuel da Rocha (ausente) Mariano Augusto da Rocha.

«Vitória Sport Club,

Nos termos do disposto no § 1.º do artigo 34.º dos Estatutos do Vitória Sport Club, e a fim de dar cumprimento ao determinado no ar- tigo 14.º dos mesmos Estatutos, se convoca a Assembleia Geral do Club para a reunião que terá lugar na sua séde, no dia 12 do corrente, pelas 22 horas.

Se não comparecer número legal de sócios, fica a reunião transferida para o próximo dia 19 à mesma ho- ra, sem necessidade de nova convoca- ção, funcionando, neste caso, a Assembleia com qualquer número de socios.

A ordem de trabalhos será a seguinte:

- a) meia hora para qualquer assunto de interesse, nos termos do § 2.º do artigo 18.º; b) discussão e votação das contas apresentadas pela Direcção; c) eleição dos Corpos Gerentes para a época de 1938-39. Guimarães, 3 de Setembro de 1938.

O Presidente, Américo de Oliveira Durão.

OURIVESARIA SOUSA

DE

Sousa & Coelho

A casa mais espe- cializada em jóias género antigo e a que maior sortido apresenta, tendo sempre as últimas novidades por ter officinas próprias.

(127)

Confrontem os preços desta casa.

dos vimaranenses contra os franceses, penaliza-nos em extremo não podermos falar com mais minudências sobre o desassombro com que ele foi levado a efeito há quasi século e meio, porquan- to a limitação destas páginas a isso nos inibe. Na verdade os vimaranen- ses nesta conjuntura foram de uma dedicação e heroidade extraordiná- rias, pois concorreram gostosamente na medida dos seus haveres para o feliz resultado obtido já oferecendo cavalos, parelhas e outros animais pa- ra transportes e já dispondo de dinhei- ro e outros donativos.

Para todos, pois, quantos se sacrifi- caram em prol da Pátria, vão nesta hora de negrumes e incertezas que atravessamos, a expressão sincera da nossa admiração e respeito, acompa- nhada das mais fervorosas preces num revivimento de certo orgulho pela li- ção e exemplo de alto civismo que nos legaram esses nossos ilustres antepas- sados, porque este facto constitui um dos mais brilhantes e dignos de apreço da história da sua terra nativa.

P.ª Alberto Gonçalves.